

ARTE E CULTURA ONLINE

Tema: **Teatro**

Autor: Gabriel Domingos

Data: 29 de Novembro de 2012



Um crítico é um leitor que ruma

Friedrich Schlegel¹

ARTIGO

ANÁLISE DO PERSONAGEM TIRÉSIAS EM REI ÉDIPUS DE SÓFOCLES E A SUA REPRESENTATIVIDADE
TRANSVERSAL NA CULTURA GRECO-LATINA E OCIDENTAL

Resumo:

Tomando por base o Tema da Arte no Ocidente Europeu propõe-se neste artigo uma análise ao personagem Tirésias da peça de Teatro Rei Édipo, de Sófocles, enquanto símbolo transversal à cultura greco-latina e inclusive à cultura ocidental, tentando dar resposta a questões prementes em Estudos do Teatro como «*Na encenação desta peça, que tipo de actor poderia encarnar esta personagem e como o mesmo se deveria comportar?*»; «*Qual o tipo e alcance da intervenção de Tirésias em Rei Édipo?*»; «*Tirésias poderá, de alguma maneira, ser comparável a Édipo?*».

Palavras-chave: Arte no Ocidente Europeu, Mitologia e Cultura Clássica, Teatro na Cultura Clássica, Crítica de Arte.



*Tirésias, Aguarela com têmpera de Johann
Heinrich Füssli, c. 1780-1785*

Nota do autor:

Estando em Desacordo com o Acordo Ortográfico de 1990 os artigos são escritos de acordo a não contribuir para a destruição dos vestígios do nosso património cultural e no consequente afastamento ante as línguas que preservaram as raízes etimológicas, como acto de resistência da inteligência sobre a ignorância.

A expressão artística literária do gênero *Tragédia*¹ Grega, no geral, tem escondido por detrás a *re-apresentação* de alguns dos Mitos² da Cultura Mitológica Grega e, esta Obra não é exceção. A *Mitologia* e a *Tragédia* são uma das características principais da produção cultural da antiguidade greco-latina. O mito tinha uma função muito própria, a de se reportar aos relatos (narrativas) da origem das coisas. Os mitos gregos ocupam um **lugar intermediário** entre o humano e o não humano onde “(...) *uma parte do racionalismo helénico se exprime por esta via*”ⁱⁱⁱ. Sófocles também levou o mito para a apresentação trágica. Os poetas, desta forma, afirmam que o ato de *recordar* ou de *proferir* algo, que se passa num *tempo passado*, precisa de passar pela certeza, que só os deuses podem conferir.

O *Oráculo*^{iv} e a *Profecia*, por exemplo, são presença habitual nos relatos dos mitos gregos² (aparecendo também nesta peça trágica) e representam simbolicamente, a *fala* divina. A obra *Édipo Rei*, enquanto texto trágico do tragediógrafo Sófocles é, sem dúvida, um dos marcos da Cultura Ocidental (e não só), sendo um Clássico da Literatura Universal, porque “(...) *os clássicos servem para compreender quem somos e aonde chegámos* (...)”^{vi}. Os personagens envolvidos no enredo, ofereciam - e continuam a oferecer - referências preciosas para decifrar aspectos, desde o modo como nós organizamos (ou deveríamos organizar) as nossas escolhas morais, em sociedade, até aos traços psicológicos mais decisivos e vinculados, na formação do carácter social desde a nossa infância e, estas Obras Clássicas, interculturalmente transpõem-nos isso, pois “*Os Clássicos são livros que exercem uma influência especial, tanto quando se impõem como inquestionáveis, como quando se ocultam nas pregas da memória mimetizando-se de inconsciente colectivo ou individual*”^{vii}.

Esta Obra de Arte permite-nos perceber que tem a **função** de ser uma das bases das nossas *Representações Sociais*, na nossa *Cultura contemporânea*. A obra *Édipo Rei* foi feita em plena crise instaurada pela ‘racionalidade’ da época, trazendo em si um *mitodrama fantasmático*, onde os deuses são o cerne da vida na Terra. Esta Tragédia é sobre a complexidade do mistério da “(...) *condição humana* (...)”^{viii} como mito da escravidão divina³ “(...) *votado a um futuro parricida incestuoso* (...)”^{ix} e é, de ‘grosso modo’, sobre três grandes acontecimentos: O de ser filho de quem não deveria ter nascido, o de ser marido de quem não devia ter desposado e o de ser assassino, de quem não devia ter matado. Há neste texto dramático, relações e não-ditos que oscilam entre a piedade e a crueldade. Neste texto trágico “(...) *tudo é intenso e rápido, cheio de contraste e aparência*”^x com uma cadência das cenas e episódios num “(...) *desenvolvimento fulminante e coeso*”^{xi}.

O *Édipo Rei* tem uma trama de correspondências, sobre as quais está o paradoxo⁴ trágico (Ironia Trágica), onde o génio de Sófocles, faz com que a *revelação* se dilua no conjunto teatral da peça. Sófocles ao escrever *Édipo Rei*, utiliza, simbioticamente, o vilão e o herói, numa personagem só, encontrando nele as melhores virtudes e, os piores defeitos, espelhando assim a *essência da natureza humana*. Escrita num período de transição da sociedade grega da época, no qual as mentalidades sociais estavam a reconfigurar-se e a transformar-se, Sófocles, com *Édipo Rei*, transmite um **ensinamento ético**^{xii} valioso que será melhor detalhado, posteriormente por Aristóteles. *Édipo Rei* ensina o caminho para a virtude (*virtus*) ou seja, o caminho para encontrar a disposição de carácter que torna o homem *bom* e que o faz desempenhar *bem* a sua *função social*, como se espera.

¹ Caracterizada pela sua seriedade e dignidade, frequentemente envolve um conflito entre uma personagem e, algum poder de instância maior ao Ser Humano. Na maior parte das tragédias, o caminho trágico (embora seja um percurso) da queda do herói, é feito a partir do reconhecimento da tomada de consciência do trágico, para si. Por exemplo, “*Aristóteles teorizou que a tragédia resulta numa catarse da audiência e isto explicaria o motivo dos humanos apreciarem assistir ao sofrimento dramatizado. Entretanto, nem todas as peças que são largamente reconhecidas como tragédias resultam neste tipo de final catártico*”, cit. in Wikipédia (consultado no dia 26-11-2012) <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trag%C3%A9dia>. Este género tem uma correlação directa com a Pólis, pois a evolução da pólis, ao longo dos tempos, influenciou a própria evolução dos textos teatrais da sociedade Grega, desde Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Pêrides, Aristófanes.

² Como é o caso do mito de *Édipo*, que teve a sua sina vaticinada antes do seu próprio nascimento [com o oráculo feito a seu Pai, Laio], não conseguindo fugir (ou pelo menos, acreditando que conseguiria escapar) de uma funesta profecia.

³ Demonstra a verdadeira composição do *trágico* grego, que é o sucumbir, o desabar do humano, perante o que lhe é superior, onde neste caso, surge precisamente a partir da consciencialização do homem do seu próprio limite, os limites da racionalidade humana.

⁴ Ideia igual é a de que *Édipo* iria descobrir os dois terríveis lances da sua trágica existência, ao se auto vaticinar dizendo “*Ser útil ao defunto é agir em meu próprio benefício*”, cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70 (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.65).

Os Deuses e os Heróis eram, na sua maioria, verdadeiras representações colectivas⁵ dos *Valores* da sociedade Grega. Essas representações colectivas determinavam as formas de agir e de pensar da sociedade Grega da época e, a socialização das convicções humanas, tendo a mitologia grega influenciado toda uma sociedade.

A Personagem *Tirésias*^{xiii} representa, simbolicamente, uma figura associada a pelo menos, dois Mitos Gregos. Um é o *Mito do Conhecimento*, do Saber e outro, o *Mito da Memória* (recordar é um acto tão importante para esta Cultura, que era divinizada com o nome de *Mnemosine*⁶). *Tirésias* tem assim, dentro do mito grego e da profecia grega, uma função de *dúplice* mitológico. *Tirésias* é o divino profeta⁷, o único entre todos os homens que sabe desvendar a verdade⁸. O contraste “(...) *entre Realidade e Aparência é o cerne de toda a peça do Rei Édipo, especialmente nítida na cena com Tirésias (...) que é o tocar destes dois mundos*”^{xiv}. O que os ‘olhos’⁹ de *Tirésias* enxergam é um ‘conteúdo’ verdadeiro, inacessível aos olhos do comum dos mortais. A figura de *Tirésias* oferece um contraponto à cultura moldada no que é visual^{xv} - traço típico da nossa Cultura Ocidental — onde, considerado na história o ‘servo de Apolo’, funciona como uma espécie de guia espiritual, tendo a função da *fala profética*, existente no Mito Grego, através da acção de premonição/adivinho junto do comum dos mortais. A personagem de *Tirésias* marca o Mito Grego com a palavra *contundente* e *esclarecedora* e na peça é “(...) *fonte de ironia trágica* (...)”^{xvi}.

Tirésias, mais do que uma exclusiva ‘voz oficial’ transmissora dos Deuses, é humanizado, aproximando-o dos homens, pois apesar de ir usando em alguns momentos da ambiguidade¹⁰ nas suas respostas, sobre o segredo que tem na sua posse para evitar a tragédia, só o revela pela tensão crescente provocada por *Édipo*, sendo isto um traço psicológico característico do ser humano. *Tirésias* não é “(...) *a personificação pura da mântica*”¹¹, antes se revela um carácter difícil, deixa transparecer também a atitude de *suficiência* no exercício da sua função de vate”^{xvii}. Vemos isso na passagem em que os Coros tentam apaziguar e conciliar *Édipo* e *Tirésias*, durante a sua troca de palavras de acusação:

*“A nós se nos afigura que as palavras foram proferidas sob o império
da cólera, mas também as tuas Édipo”^{xviii}.*

Apesar de *Tirésias* ocupar um dos papéis centrais na peça, para o desenrolar da cadência dos acontecimentos, *Tirésias* é uma personagem que vai surgindo e desaparecendo da peça, não estando sempre presente como no caso da personagem principal, *Édipo*, dando assim espaço e ênfase a *Édipo* enquanto epicentro da Tragédia de Sófocles. A intervenção da personagem de *Tirésias* tem um tremendo alcance, na história. Cabe a *Tirésias*, por exemplo, depois de muito se conter, revelar a *Édipo* todos os eventos que culminaram na sua condição humana de parricida e de incestuoso, fazendo acelerar ainda mais a cadência dos acontecimentos da história, funcionando como um ‘acelerador’ da narrativa, prendendo ainda mais o público.

A personagem do *Tirésias* - ao ter subjacente o papel do Mito do *Conhecimento* - tem de ter uma *consistência psicológica* muito *estruturada*, *inabalável* e, *solene*, logo *Tirésias* tem as características da figura de um ancião (cego) [o oposto a *Édipo*, não podendo este ser equivalente a *Tirésias*], devendo ter representado as qualidades psicológicas humanas da *sabedoria*, da *sensatez*, da *ponderação*, mas sendo humano como é (logo com traços psicológicos

⁵ O que se chamou durante muito tempo, de *História das Mentalidades*, que não são mais do que as Representações Sociais numa sociedade (especialidade da Psicologia Social, a par de outras dimensões do fenómeno social como os *Estereótipos* ou as *Atitudes Sociais*).

⁶ Na mitologia grega, a Deusa é a primeira esposa da grande divindade grega e que a deusa da memória é a mãe mitológica das musas, que representativamente estariam a ajudar o homem a preservar as suas construções colectivas, onde assim alguma coisa se insere, no que é o acto de recordar, no que a palavra profética se reporta.

⁷ O mais significativo profeta do mito grego, é este Profeta *Tirésias*, sendo considerado o maior e um dos mais notáveis adivinhos de toda a ‘galeria’ histórica de personagens da mitologia grega. A cegueira era condição constante entre os *vates* do mito grego, e neste caso, a cegueira de *Tirésias*, seria mais uma, na narrativa mitológica grega.

⁸ É reconhecido isso, pela fala de *Édipo* ao dizer “*Ó Tirésias, que tudo conheces, o que foi revelado e o que é oculto, o que habita o céu e a terra!*” cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.74).

⁹ O ‘enxergar’, na mitologia Grega, está associado ao Mito do Conhecimento, do Saber.

¹⁰ Onde *Édipo* explicita ao dizer “*Como sempre, são enigmáticas e obscuras as tuas palavras*” cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.83).

¹¹ Baseado no Processo Mântico.

humanos para o público se identificar com ele também), deve ter o traço de *irritável*, ao confrontar-se a sua *integridade*. Numa encenação da peça de *Édipo Rei*, o tipo de actor que poderia encarnar esta personagem, terá de ser representado por um tipo de pessoa com um estatuto (social) de maior autoridade, no saber (simbolicamente), como alguém com mais *idade* (entre 50 a 65 anos, por exemplo), tendo uma *barba maior* do que o habitual (há época, era esse o costume dos sábios e figuras de respeito pelo seu saber e autoridade).

Numa encenação desta peça, o actor que representasse *Tirésias* deverá ter *comportamento conducente* ao figurino psicológico descrito, sendo de *poucos movimentos*, sendo mais *estático*¹² onde se encontrar e de voz *serena*, mas *assertiva*, principalmente com um *tom* de voz no que diz, de transmitir *segurança* e *certeza*, tendo um papel de '*tensor*' quando tem de o ser.

¹² Não esquecer da sua condição de cego e não usa o seu apoio típico aquando das suas falas, que é um jovem em que se costumar apoiar.

Bibliografia:

- Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a).
- Romilly, J. (1995). *A Tragédia Grega*. Edições 70.
- Pereira, M. H. da R. (2012). *Estudos de História da Cultura Clássica, Vol. I – Cultura Grega*. Edições Fundação Calouste Gulbenkian (11.^a Edição revista e actualizada).
- Calvino, I. (2002). *Porquê Ler os Clássicos?* Edições Teorema.

Webgrafia:

- Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trag%C3%A9dia> (consultado no dia 26-11-2012).

Notas de fim

ⁱ SCHLEGEL, Friedrich (1994). *Conversa sobre Poesia e outros Fragmentos*. Tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, p. 83.

ⁱⁱ O mito era o coração da sociedade grega antiga, como forma de, enquanto ficção alegórica, os Gregos conseguirem entender e dar explicação tanto aos fenómenos naturais, como aos acontecimentos, sem a ação dos humanos. Os gregos, crentes nas histórias e nas narrativas dos poetas, estabeleceram rituais e cultos fundamentados nessas lendas heróicas, divinas e humanas. Desde aquele tempo que o ser humano precisou de criar concepções lógicas, para si, acerca das histórias contadas apenas por um dos mais influentes agentes criadores de Cultura: Os Poetas. Não é à toa que se diz que Homero ‘fazia a educação da Grécia’. Para os gregos, os mitos eram a mais pura verdade. Embora os Mitos sejam uma narratologia repleta de batalhas, traições, intrigas e maldades, são excelente matéria que servem para se fazer Estudos Culturais Comparados, com análise intercultural, dos mais diversos arquétipos culturais, que até ainda hoje na época contemporânea se encontra vestígios dessa intertextualidade. Os Mitos da Mitologia grega têm uma enorme influência na Cultura Ocidental (e não só!), sendo o Mito instrumento analítico eficiente para se ter um entendimento profundo e filosófico do ser humano. Os temas mitológicos legam à época contemporânea, significado e relevância (através do simbolismo) à condição humana.

ⁱⁱⁱ Cit. in Pereira, M. H. da R. (2012). *Estudos de História da Cultura Clássica, Vol. I – Cultura Grega*. Edições Fundação Calouste Gulbenkian (11.^a Edição revista e atualizada) (pág. 296).

^{iv} Os *Oráculos*, *pitonisas*, *sacerdotes*, *adivinhos*, *profetas* ou *sacrifícios*, etc., são abundantes na Mitologia. Mais do que palavras, traduziam a fé do homem da época, na existência de um poder superior e na possibilidade de relações recíprocas com este poder. Cada vez que um mortal dirigia uma pergunta a um Deus, a resposta que recebia era denominada de oráculo e que vinha em forma de metáforas, nem sempre compreendida por quem os consultasse. Os Deuses, segundo os relatos mitológicos, participavam intensamente do mundo humano, sendo o oráculo uma forma constante de o fazerem. O ‘vate’ ou o profeta, era um elemento comum encontrado no mito, servindo às palavras dos mais diversos Deuses.

^v Se os relatos míticos podem ser encontrados nas páginas de uma *Iliada* ou de uma *Odisseia*, a *fala*, o ‘*proferir*’ também faz parte do estudo do tema do ‘*Significado Social do Mito*’. A ‘fala divina’ possibilitava que os indivíduos, ficassem cientes do pensamento divino, de diversas maneiras, possibilitando ações propícias e piedosas. A própria Cosmogonia grega relata a importância do oráculo, na figura de profetas e profetisas que relatavam – para o imaginário dos gregos - o pensamento dos deuses, aos homens. A ação profética é relacionada com a fala, no seu sentido espiritual, tanto com os imortais como os mortais. A ‘fala’, desta maneira na Tragédia Grega, tem um caráter específico, mas está de igual modo presente na Humanidade, no entanto é dissociada dos nossos dias, ainda que seja vista como um elemento presente nos ritos modernos (como é o caso dos chamados Mitos Urbanos).

^{vi} Cit. in Calvino, I. (2002). *Porquê Ler os Clássicos?* Edições Teorema. (p.13).

^{vii} Idem (p.8).

^{viii} Cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.28; p.29; p.31).

^{ix} Idem (p.10).

^x Ibidem (p.35).

^{xi} Ibidem (p.36).

^{xii} A problematização da moral é um traço característico profundo em toda a matriz sociológica da Cultura Clássica Grego-Latina. A estética clássica é uma ontologia autêntica, onde a Ética e a Teoria do Conhecimento, nesta Cultura, mantêm relações de proximidade e cumplicidade com as noções de *Belo*, *Bem* e *Verdade*, uma vez que a estética clássica associava a esses Valores Morais, o Comportamento Moral do Ser (perspectiva ontológica).

^{xiii} A mitologia grega está repleta de diversos personagens que têm a finalidade de revelar ao homem os desígnios dos deuses bem como o de descobrir que surpresa lhe reservava o destino. São o elemento literário na narratologia para fazer a ligação do Divino ao Homem.

^{xiv} Cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.29).

^{xv} Desde os primórdios do mito grego, temos a história tradicional do mito do conhecimento. Se examinarmos de perto as mitologias que explicam como o homem adquiriu a capacidade de conhecer, vamos encontrar, com frequência, símbolos e situações que remetem ao tema do conseguir enxergar. Prometeu, por exemplo, na mitologia grega, rouba o fogo dos deuses para entregá-lo aos homens. Estes, por sua vez, passam a enxergar, saindo da condição de ignorantes, marcando o advento da consciência, o aparecimento do homem não divinizado, mas individual, buscando a liberdade de outros homens a partir do roubo do fogo de Zeus, símbolo do espírito e do conhecimento sagrado, mas que mal interpretado pela espécie humana, se torna símbolo do conhecimento terreno, ligado à matéria. É o que observamos também, no Mito do Génesis, quando Adão e Eva ao comerem o fruto da árvore proibida passam a ter consciência que estavam nus e o que isso significa.

^{xvi} Cit. in Sófocles (2010). *Rei Édipo*, Edições 70, (introdução e tradução Fialho, M^a). (p.29).

^{xvii} Idem (pág. 16).

^{xviii} Ibidem (pág. 81).